



PROBLEMAS DA UNIVERSIDADE

pelo Professor Doutor Fernando Ma-
gano, Vice-Reitor da Universidade
do Porto.

Fundação Cuidar o Futuro

Parece-me singularmente

(Segue texto ao título)



Parece-me singularmente expressivo este Congresso. Afigura-se-me, mesmo, algo de novo.

Colocado, pessoalmente, em posição de haver observado, com algum rigor e muito interesse, os movimentos internos e externos da Universidade, tenho meditado em muitos dos seus problemas.

Não irei, agora, porém, antecipar-me ao Congresso e às lições, seria despropósito.

Seja-me permitido, entretanto, com uma cordial saudação a estes magníficos rapazes, uma breve, brevíssima, intromissão...

quem quer que se debruce um pouco sobre a vida da Universidade, facilmente dá conta que há um mal na Escola. Certo mal, coisa para muitos indefinida, mas coisa ou padecimento ou imperfeição que a todos diz não estar certa a Escola, assim como está.

A inquietação pelo destino da Universidade, a dúvida sobre o seu futuro funcional não é só da nossa nação nem mesmo é só latina, é ecuménica — visto que em toda a parte onde o problema se propõe, se ha chegado a conclusão de que a estrutura actual é imperfeita, não satisfaz os anseios nem de professores, nem de alunos.

Não é caso agora de nos determos na observação de certas condições de ensino científico, que em algumas partes são simplesmente confrangedoras.

No sentido da cultura, isto é, da outra função docente que consiste em preparar o homem de ciência para a vida, em ordem a que ele se valorize como pessoa e administre criteriosamente o seu saber, nesse sentido, supra-científico, é por demais sabido que a Escola actual não pode, ou pode mal, e sofre por não poder melhor...

Delineada para uma certa época histórica, tem-se a impressão de que tal esquema está fóra do nosso momento — e sobretudo tem-se quase a certeza de que na sua orgânica actual a Escola não servirá para os momentos que aí vêm...

São então, os alunos, mais livres de movimentos, desinteressados e generosos, que se agitam, ordenadamente...



A vida ainda os não prendeu nas cadeias dos interesses que amolecem as puras iniciativas intelectuais; a vida poupou-os ainda às incertezas da falta de sinceridade — mas deu-lhes já a experiência do trânsito escolar e sofrem-na directamente.

Então, que estranhar que perguntem? que solicitem? que roguem, para os que hão-de vir, algo, algo de diferente, de mais nobre, mais alto e mais acolhedor?

Tomam parte nestes anseios, ou ao menos nesta frequência, todos os alunos da Universidade? Está claro que não; muitos, muitíssimos andam por aí...

Há alunos "velhos", filhos de uma fase universitária cujo módulo era a "dispersão", alunos que só cuidam, quando cuidam, de ganhar uma frequência para obterem um resultado de exame... Talvez não sejam pessoalmente culpados; pois se é a própria orgânica escolar que mantém a "dispersão"...

Há alunos, nem novos nem velhos, para quem o narcisismo e as futilidades são o triste suporte dos seus dias vazios!

E há alunos, que tomam e preparam estas iniciativas de cursos para-profissionais e de congressos: inquiram com seriedade, procuram, pedem elucidações. Há que ouvir-lhes as perguntas, tomá-los a sério nas suas dúvidas, há que conviver. Sobretudo quando a lealdade se lhes estampa nos olhos e o desinteresse é um brado de alma.

Desinteressados, sinceros e não estabelecidos no viver, assim os vejo — e por isso, com autorização do meu Reitor, os acompanho.

Estes, os que aqui estão, vêm do coração da Igreja; nela aprenderam, com o resto, o sentido da disciplina, nela ordenaram os seus inquéritos; em silêncio estudaram; e só desejam colaborar.

Cabe aqui dizer, desde já — que nestas fileiras da Acção Católica está sempre presente ao espírito e à acção de cada qual o ensinamento do Livro Santo: um é o que semeia, outro o que colhe — isto é, aquele que fala ou actua não lhe é prometido prémio algum nos reinos deste mundo, a não ser a paz da sua consciência, ainda que obtida à custa de dores sem história.



Indiferença e responsabilidade

Há anos um pedagogo português, o dr. Agostinho de Campos, em singelo artigo de jornal diário, (Comércio do Porto - 19-2-933), ensinou esta sentença lapidar:

"As formas superiores do ensino devem ter em mira, consideradas pelo seu aspecto mais prático e directamente social, a formação de dirigentes. Ou funcionam como escolas de verdadeira aristocracia, ou não são formas superiores de ensino".

Esta aristocracia, o mesmo pedagogo no-lo ensina, a única aceitável, vem a ser a da inteligência e do carácter — e ela exclui logo o "não saber" e o "egoísmo".

Poder-se-á então dizer que as Universidades são obrigadas a preparar as Aristocracias do saber e da doação.

Suponho ser esta, magníficos universitários Jucistas, a fórmula dos vossos anseios: responsáveis, esclarecidos, e por isso voluntariosos no mundo para que vos preparaís.

Herdámos uma escola da indiferença, sonhamos uma escola da responsabilidade.

Porque é um problema sério, o da nossa pobreza formativa, ou melhor normativa, nossa, de nós, os técnicos duma profissão; problema grave até, em face das solicitações intelectuais e das posições de comando em que cada um dos universitários se pode vir a encontrar na vida...

A escola dá-nos uma técnica, mas a vida pede-nos uma norma.

E o pior é que os homens supõem que lá pelo facto de usarmos um diploma e realizarmos uma especialização também somos mentores. E é que o devemos ser. Mas não sabemos sê-lo. Anda aí à vista...

Confessadamente ou não, andam os universitários aos baldões — ou ao menos seguindo mais por intuição de que por segura formação crítica um certo rumo, quantas vezes sem personalidade alguma.



Duas imperfeições

A Escola não "forma" a generalidade dos homens. E como ela, a Escola, não tem doutrina, deixa-se facilmente conquistar por este ou aquele que se arvora, ousadamente, em seu mentor.

Duas imperfeições: nem os homens que dela saem podem seguramente definir-se na medida das suas próprias responsabilidades, nem ela, a Escola, se define a si própria.

Não conta, a aula, nem por si nem pelos seus, na evolução geral da inquietação da sua hora, na definição dos problemas comuns que interessam aos homens, não é ouvida nem achada.

Certo, ela trata da ciência... oh! a comodidade da posição... enquanto a seus pés o rio flui e reflui...

Alguns homens de ciência, quando arguem contra a fé, oferecem os seus argumentos, que já não são científicos, como quem atira pedradas ou, quando menos, como quem ostenta negações.

Transpostas as posições pessoais, a geração que lá vem toma conta da descoberta em si mesma, desdobra-a, integra-a e louva o Senhor que criou e o homem que expôs.

Em matéria de ciência e de fé, quantos, propagandistas ou divulgadores ou especulativos partidários, arguem por oposição, servindo-se de um cientismo absoleto, andam tristemente desorientados e não estão na sua hora. A ciência que invocam para as suas negações ou caricaturas é mero anacronismo ou propositada deformação.

Dir-se-á que o mestre actual só deve cuidar do tecnicismo dos seus alunos. Não. Nunca! Porque a mesma técnica vai ser posta, pelo comum dos escolares, ao serviço de pessoas, directa ou indirectamente.

É, pois, necessário que o mestre, sem se cercear no quer que seja do conhecimento científico, não esqueça nem iluda o uso que o mesmo conhecimento pode vir a ter em bem ou em mal. E como a escolha deste bem ou deste mal depende, em última análise, do profissional que tem de utilizar o conhecimento, segue-se que o mesmo profissional há-de saber conscienciosamente, isto é, com apurada consciência, qual o fim do seu esforço técnico na projecção benéfi

ca ou maléfica sobre os outros, os outros seus iguais a quem se dirige o saber.



Redemoinhos e alvoradas

Uma vez mais na história do Mundo, neste momento de confusões de toda a espécie, a Igreja espevita as consciências e esclarece as inteligências. Uma vez mais, isto é, como sempre. Mas a nossa hora é tumultuária. Vivemos um momento em que o curso das águas é salpicado de redemoinhos. E então, no contraditório das atitudes e no desvaio das opiniões, a Igreja, sobrenadando o efêmero, diz a palavra, ensina a lei, aconselha e esclarece. Os homens, porém, envolvidos nas paixões, transviados em seus próprios propósitos, ou não ouvem, ou não querem...

E dão-se a catastróficos programas que realizam a insasatez.

Fundação Cuidar o Futuro

Bem se sabe: os redemoinhos passam e as águas voltarão a seguir seu sossegado curso; mas, entretanto, submergem-se e afogam-se energias e riscam-se gestos desordenados.

Destas desordens andam por aí exemplos aos milhares.

Mas já se vão entreluzindo amostras de melhores dias.

Não é que estes períodos um pouco desordenados sejam de todo inúteis. Até parece que em sua aparente desordem albergam lá no fundo sementes de futuras novas edificações. Nem há que tomar a posição de lamentações puras: a vida é assim, flui, corre, cresce, semeia e floresce... para apodrecer e renovar-se.

Como o "Espírito" sobreñadando as águas, a Igreja, tomando conta do seu tempo temporal, vê as coisas intemporalmente. E então diz a palavra que fica, a palavra que fica porque já era.

Mas a inteligência do homem obstina-se em se cercear e, paradoxalmente, quanto mais apregoa a sua largueza e mais se narcisa nas suas momentâneas conquistas menos se enriquece. Talvez um dos ritmos da nossa hora seja a pobreza no barulho.



Voltará a humanidade à paz dos claustros para então se reencontrar.

Mas o "específico carácter" desta nossa hora é que os claustros se situam no âmago das multidões e é aí, aí mesmo, que haverá que semear a paz, dizendo a palavra lúcida, exemplificando, dizendo acções...

A palavra da Igreja, que primeiro se dirige à consciência, ao anímico de cada um, envolve logo por sua mesma definição e carácter, a comunidade dos homens. E lembra-lhes que vivam a sua hora, olhos postos na Hora de Sempre.

Quando dizeis, magnífico jucista — "estar presente, servir a Igreja" — desenhais o mais nobre programa da juventude: viver plenamente a sua hora, vivendo sinceramente a lei do Senhor Jesus.

A nossa hora é esta; a lei está na Igreja.

A Universidade diz o saber da hora; a Igreja ensina o saber de sempre. A Escola esclarece o viver; a Igreja enobrece a vida.

A primeira é o momento; a segunda é o sempre.

Vivamos então, conscientemente, o nosso momento, confiadamente para sempre.



Eles formam uma élite espiritual de que precisa a Igreja, como prolongamento da sua própria Hierarquia, para a evangelização do mundo.

Acima dos horizontes da ciência

Em palavras sumárias, resume-se o que se espera dos universitários cristãos dentro da Acção Católica.

No campo das ideias demonstrar que o pretenso divórcio entre a ciência e a fé não passa de ilusão. Na palavra de Pio XII, têm a missão de "restabelecer os contactos, reatar os laços, assegurar a penetração mútua dos dois mundos do saber — a alta ciência universitária e a luz revelada por Cristo".

Isto não significa, evidentemente, que o universitário católico faça apostolado com prejuízo dos seus deveres profissionais. A sua consciência profissional, que obriga ao cumprimento integral do dever, tem de ser aperfeiçoada pela sua consciência religiosa, que do próprio dever faz já acto de fé. Por isso, não será apenas um técnico inteligente e culto, mas um profissional exemplarmente consciencioso.

Mas, para além das observações rigorosas, das pesquisas infatigáveis, das experiências dos laboratórios, considerará todas as coisas na sua harmonia universal com Deus. Deste modo, nenhum assunto é alheio à investigação do sábio católico (e a história regista como culturas da vanguarda da ciência uma pléiade inumerável de católicos). Mas o sábio católico, acima dos horizontes da ciência, de espírito geométrico, possui horizontes mais amplos, com claridades de infinito, nos quais só consegue penetrar o espírito efeito aos problemas da alma, no que ela tem de mais íntimo e sagrado.

No universitário, como em qualquer outro cristão, a fé não é luz distante e fria, que brilha sem aquecer. É fogo vivo que transforma o "homem velho" pela virtude da graça que a Mensagem cristã anuncia e produz. Também paravele a fé é caminho e vida. O caminho percorre-o pelo cumprimento exacto dos deveres para com os



se toda a terra portuguesa — com lições, com livros, com revistas, com apostolado.

Mas, sentindo embora tal lacuna, louvamos a Deus por posuirmos hoje um escol notável de universitários católicos, de fé esclarecida e de vida irrepreensível. Poderemos dizer que é já grande o número dos universitários apóstolos, capazes de sacrificar-se para que no meio universitário e até no meio social se dilate o reino de Cristo? E a Igreja precisa destes apóstolos que, fortemente enquadrados nas Ligas e nas Juventudes universitárias católicas, procurem e encontrem a solução para os grandes problemas do universo e do homem, sub specie aeternitatis, e realizem acção inteligente e penetrante, junto dos seus colegas. Variadas são as profissões que exercem. Mas todos eles, conforme lembra S.S. Pio XII, possuem um vasto conjunto de conhecimentos variados e precisos; adquiriram aquela capacidade de discernimento pessoal, que é fruto de largo estudo e observação; aquele critério que gera a crítica metódica e rigorosa dos factos e das ideias; a faculdade de dominar os problemas mais complicados e difíceis. (...) As questões que a vida quotidiana da sua profissão lhes apresenta, não são problemas de escola que possam resolver-se com a mera aplicação de fórmulas comuns, já elaboradas, aprendidas e compreendidas duma vez para sempre; são problemas de vida activa, graves, complexos, com dados múltiplos e variáveis, que só está em condições de abordar e resolver um espírito de cultura superior".

Estas palavras tão justas mostram só por si a importância dos sectores universitários no apostolado da Acção Católica.

Seara de esperança

Depois de muitos anos de espectação e de sacrifícios, dum grupo generoso de jovens universitários, inaugura-se este Congresso. É como esplêndida aurora, carregada de projectos audaciosos e de claras esperanças. Mais não se conseguisse do que o árduo trabalho da sua organização e da sua realização, já seriam abençoados os sacrifícios que impôs.

Mas, para além dele, abre-se um mundo novo. Abnegada foi a sementeira. Por Deus, será abundante a messe promissora.



Fundação Cuidar o Futuro